

A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DE 'ELEGÂNCIA' E 'SUTILEZA' NO TRATADO DE VITRÚVIO *DE ARQUITETURA**

Claudio Walter Gomez Duarte**

Resumo: *Motivados pela passagem 4,1,8 do tratado De Arquitetura de Vitruvius (ca. 30/20 a.C.), este artigo objetiva atestar uma legítima mudança na concepção arquitetônica dos templos dóricos gregos. Esta é abordada na interface da análise entre as fontes textuais e a cultura material. Verificamos a relevância e o papel que tiveram a “elegância” e a “sutileza”, segundo Vitruvius, no modus operandi dos arquitetos gregos, como recursos técnicos e metodológicos para o desenvolvimento do projeto do templo dórico grego entre os séculos V-II a.C. Visamos esclarecer e estabelecer vínculos entre esses conceitos relativamente subjetivos e a lógica subjacente que norteou os arquitetos, tanto em projeto quanto nas aplicações precisas em obra. Concluímos que a “Elegância” e a “Sutileza” foram conceitos que fizeram parte da formação do arquiteto grego, e se refletiram de maneira notável, o que resultou numa arquitetura monumental extremamente requintada, elegante e sutil.*

Palavras-chave: *elegância; sutileza; Vitruvius; templos dóricos; arquitetura grega*

THE CONSTRUCTION OF MEANING OF 'ELEGANCE' AND 'SUBTLETY' IN THE VITRUVIUS TREATY *ON ARCHITECTURE*

Abstract: *Motivated by the passage 4,1,8 of the Vitruvius On Architecture treaty (ca. 30/20 BC), this article aims to attest to a legitimate change in the architectural conception of Greek Doric temples. This change is addressed in the analysis interface between textual sources and material culture. We*

* Recebido em: 04/06/2020 e aprovado em: 03/08/2020.

** Professor do curso de bacharelado em Arqueologia da Universidade Metropolitana de Santos. Pesquisador no Grupo de Pesquisa CNPq (Baixada Santista: ações e gestão sobre o patrimônio arqueológico e cultural), pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa CNPq (Representações: Imaginário e Tecnologia) RITe (FAU/ USP); integrante da equipe do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) como pesquisador externo associado ao Laboratório. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5819-2242>.

verified the relevance and the role played by “elegance” and “subtlety”, according to Vitruvius, in the *modus operandi* of Greek architects, as technical and methodological resources for the development of the Greek Doric temple project between the 5th-2nd centuries BC. We aimed to clarify and establish links between these relatively subjective concepts and the underlying logic that guided the architects, both in design and in the precise applications on site. We conclude that “Elegance” and “Subtlety” were concepts that were part of the formation of the Greek architect, and that were reflected in a remarkable way which resulted in an extremely refined, elegant and subtle monumental architecture.

Keywords: elegance; subtlety; Vitruvius; Doric temples; Greek architecture

Introdução: “Elegância” e “Sutileza”¹

Posterius uero elegantia subtilitateque iudiciorum progressi et gracilioribus modulis delectati septem crasitudinis diametros in altitudinem columnae doricae, [...] (VITRÚVIO. De architectura, 4,1,8)²

As palavras “elegância” e “sutileza”, que compõem o título do nosso artigo, foram extraídas da passagem de Vitruvius transcrita acima e dizem respeito a uma mudança de gosto ocorrida na Grécia Antiga, *grosso modo*, entre os séculos V e IV a.C., tanto em relação à arquitetura quanto às artes figurativas. O vocábulo “elegância”, especificamente, refere-se a uma mudança de cânone verificada para a altura da coluna dórica, ou seja: a proporção dessa coluna, que em sua gênese³ foi definida como 1:6 (proporção entre o diâmetro da base da coluna e a altura da coluna dórica – equivalente à altura de 12 módulos) passa para a proporção 1:7 (entre os mesmos elementos arquitetônicos – 14 módulos). Em termos arquitetônicos, isso equivale à concepção de uma coluna mais alongada ou mais esbelta em relação à sua base.

Essa passagem de Vitruvius (*De architectura*, 4,1,8) é ilustrada por Howe e Rowland (2001, p. 214). A gênese da primeira coluna dórica teve como referência a altura de um homem, que equivale a seis vezes o comprimento de seu pé. Quando ocorre a “mudança” de gosto (a “*elegantia*”) na cultura grega, a referência para a nova coluna dórica passa a ser a altura de um homem proporcionado em altura igual a sete vezes o comprimento de seu

pé. Howe e Rowland (2001, p. 214) estabelecem, assim, um paralelo diacrônico entre a arquitetura e a escultura grega.

Por sua vez, o vocábulo “sutileza” (“*subtilitas*”) diz respeito à concepção “bem” orquestrada pela aplicação do módulo (largura do tríglifo) que, segundo Vitruvius, confere ao edifício dórico a desejada harmonia entre a parte e o todo. Assim, “sutileza” diz respeito também às quase imperceptíveis (mas existentes) curvaturas (ênfases) executadas pelos arquitetos gregos nos elementos arquitetônicos dos templos dóricos a partir do século V em diante⁴ – perfil das colunas, crepis, entablamento e outros.

Arquitetura modular

O conceito de arquitetura modular, ou princípio modular na arquitetura, é uma herança “latina”. Tomamos conhecimento desta de maneira textual, através de uma fonte indireta, não grega: o arquiteto romano Vitruvius.⁵ Ele credita o procedimento aos seus mestres gregos, tanto aos contemporâneos quanto aos do passado, que escreviam seus próprios tratados de arquitetura (teoria das proporções na arquitetura) e prática (escrevendo obras sobre seus próprios projetos, como o livro escrito por Íctinos sobre o Partenon), os quais não chegaram até nós. O procedimento ou método de projeto modular, principalmente para os edifícios sacros, que Vitruvius apresenta em seu tratado *De Architectura*, processa-se da seguinte maneira: para os templos dóricos, o módulo – referência arquitetônica – é definido pela largura do tríglifo, elemento arquitetônico característico da ordem dórica, o qual, quando intercalado na sequência tríglifo-métopa-tríglifo repetidas vezes ao longo de uma elevação, compõe o friso dórico (que se posiciona acima da arquitrave, viga). A sequência vertical – crepidoma, colunas (fuste, capitel – gola-equino-ábaco), arquitrave, friso (tríglifo-métopa-tríglifo), cornija horizontal, tímpano e cornijas inclinadas – forma a elevação dórica por excelência. A largura do tríglifo é definida depois da largura do templo, na altura do estilóbato, dividindo a largura do templo em 42 partes iguais, para templos de configuração hexastilo (ou seja, seis colunas tanto na elevação frontal quanto na posterior).

Ainda conforme Vitruvius, uma vez definida a largura do módulo, ou seja, a largura do tríglifo, este passa a funcionar como uma “régua” para

realizar o projeto. Todas as dimensões dos elementos arquitetônicos envolvidos serão de algum modo múltiplos ou submúltiplos do módulo. Para exemplificar com algumas das recomendações de Vitruvius, na concepção dos templos dóricos, temos: a largura da métopa será de um módulo e meio ($1 \frac{1}{2} M$), a altura da coluna será de 14 módulos (14 M), a espessura da coluna na altura do estilóbato será de dois módulos (2 M), a altura do capitel será de um módulo (1 M), a altura da métopa será de um módulo e meio ($1 \frac{1}{2} M$) e assim por diante, para todos os elementos arquitetônicos que fazem parte da ordem dórica.

O ceticismo dos arqueólogos em relação ao excepcional tratado latino é decorrente do confronto deste com as estruturas arquitetônicas gregas. O pesquisador percebe rapidamente que o receituário vitruviano não corresponde *ipsis litteris* com a realidade; com a concepção dimensional de cada elemento arquitetônico dos templos dóricos, verifica-se que as diferenças são evidentes. Por exemplo, ao confrontar a largura da coluna do templo de Hera-Lacínia em Agrigento, que deveria corresponder a dois módulos, segundo Vitruvius, constata-se que corresponde a 2,24 módulos. Se compararmos a altura da coluna do mesmo templo, que deveria ser expressa por 14 módulos, temos que esta equivale a 9,2 módulos – além de outros exemplos em que verificamos incongruências em relação ao tratado.

Duarte (2010, p. 78-81), confrontando cada regra de Vitruvius com a concepção dimensional de cada elemento arquitetônico, para um conjunto de templos dóricos, verifica que as diferenças são evidentes. Os especialistas do passado recente mostraram duas tendências com respeito à recepção do tratado de Vitruvius: uma delas era a de relegar a sua teoria como aplicável somente aos monumentos gregos do período helenístico tardio, contudo sem identificar a quais monumentos tal receituário se aplicava; ou, alternativamente, duvidar da legitimidade do tratado como um todo (WILSON JONES, 2001, p. 675).

Nova abordagem para a arquitetura modular em Vitruvius

A pesquisa relativamente recente de Wilson Jones (2001) resgata a teoria de concepção modular de Vitruvius para os templos dóricos e a situa como plausível já no início do V século a.C. Esse autor mostra que há sim

uma interpretação modular para as elevações de 10 templos clássicos, embora essa interpretação se distancie do caráter formular da teoria vitruviana – teoria esta que associa à concepção de cada elemento arquitetônico do templo dórico uma fórmula normativa em função do módulo (DUARTE, 2010, p. 78-79). Mertens (1984, p. 225) expôs uma interpretação modular consistente, tanto em elevação quanto em planta, para o templo de Apolo dos Atenenses construído em Delos, a qual motivou, mais tarde, a pesquisa de Wilson Jones (2001).

Em geral, os templos dóricos são tradicionalmente apresentados em uma sequência “evolutiva”, ou seja, edifícios atarracados, tendendo a edifícios relativamente esbeltos e mais elegantemente proporcionados. De fato, isso não se processou de maneira linear e contínua, e sim marcada por saltos relativamente abruptos – como mostraram as pesquisas arqueológicas.

Embora Vitruvius, em seu tratado *De Arquitetura*, estabeleça um repertório engessado para a concepção dos templos dóricos gregos, pinçamos, em seu discurso (*De arquitetura*, 4,1,8), uma referência sobre a mudança de gosto por parte dos gregos, a qual se reflete numa mudança de parâmetros proporcionais tanto para a arquitetura quanto para as artes figurativas, que constituiu o *leitmotiv* para a nossa proposta de trabalho (vide nota 3).

Elegância e sutileza em Vitruvius

No início do século IV, os arquitetos do Peloponeso, sensíveis aos primeiros sinais daquilo que poderia servir para preparar o futuro: de antemão, eles foram de encontro as suas expectativas, iluminando o aspecto severo dos seus edifícios com elementos de um barroco sutil, mas sem sacrificar as regras de uma austera elegância que talvez seja pela qual o espírito da Ática é felizmente mais reconhecido. (ROUX, 1961, p. 9)⁶

A arquitetura grega é modesta, mas também exigente. Suas mutações consistem em modificações muito sutis de uma estrutura formal permanente, modificações que às vezes nem sequer somos capazes de ver, mas apenas de medir. Pode-se estar certo de que os próprios gregos perceberam cada pequena mudança de forma e proporções. (GRUBEN; BERVE, 1963, p. 306)⁷

Inspirados na arquitetura dos templos dóricos gregos, na passagem do arquiteto romano Vitrúvio *De arquitetura*, 4,1,8 e nos especialistas modernos citados acima, Roux (†) e Gruben (†), procuramos construir, sem a pretensão de esgotar o assunto, o significado dos vocábulos “elegância” e “sutileza” na obra de Vitrúvio, *De Arquitetura*, e nas práticas arquitetônicas gregas. Para isso, recortamos trechos de parágrafos no original, em latim, oriundos do manuscrito mais antigo do texto de Vitrúvio. Esse manuscrito, datado do século IX, se denomina *Harleianus* (H) 2767, e se encontra no *British Museum*. Em paralelo, cotejamos o texto com a tradução em português de Maciel (2007) e a consagrada tradução em inglês de Frank Granger (2002). Fizemos um levantamento quantitativo e qualitativo da menção aos vocábulos “elegância” e “sutileza” no tratado *De Arquitetura* de Vitrúvio, e apuramos os resultados a seguir.

Quantitativo

- Elegância/elegante: (Elegans: 12); (Eleganter: 4); (Elegantia: 6).
- Sutileza/sutil: (Subtilis: 13); (Subtilitas: 12); (Subtiliter: 6).

Qualitativo, em contexto arquitetônico

- Elegância/elegante: (Elegans: 11); (Eleganter: 3); (Elegantia: 4).
- Sutileza/sutil: (Subtilis: 4); (Subtilitas: 11); (Subtiliter: 2).

É escassa a literatura que comenta a passagem citada de Vitrúvio (*De arquitetura*, 4,1,8), em profundidade, ou mesmo os termos “elegância” e “sutileza” nesse contexto em outras passagens. Segundo Moreda (2006, p. 11):

Apesar [...] do enorme esforço realizado nos estudos léxicos durante décadas, restam ainda termos e conceitos recorrentes em toda a latinidade, Idade Média e Renascimento incluídos, que não têm merecido a atenção devida, talvez por funcionarem em muitos campos semânticos de maneira simultânea, com a dificuldade analítica que isso implica, ou talvez por se tratar de noções que se dão por sabidas. É este o caso de elegancia, presente na prática total dos prosistas latinos. [...]

Alguns latinistas contemporâneos fizeram importantes comentários críticos sobre o texto completo de Vitruvius; contudo, apontamentos envolvendo os vocábulos “elegância” ou “sutileza” são escassos e sucintos. Encontramos alguns comentários, principalmente, em notas de traduções bilíngues, de referência, do tratado *De Architectura*. As traduções que utilizamos foram: Granger (2002); Ferri (2003); Fensterbusch (2008); Fleury (2003); Gros (1992; Corso e Romano (1997); Rowland e Howe (2001) e Maciel (2007).

Pollitt (1974) salienta a complexidade de se fazer um estudo crítico da arte grega. O maior problema, segundo esse autor, é que muitas das fontes de que dispomos envolvem traduções do latim de conceitos críticos originalmente formulados em grego. Muitas vezes é necessário traduzir os termos do latim de volta para o grego, para que possamos entender mais precisamente a ideia original. Pollitt (1974, p. 362-365, p. 441-444) demonstra, a partir de diversas passagens em alguns autores latinos, que os vocábulos “elegância” (*elegantia*) e “sutileza” (*subtilis*) fazem parte da terminologia crítica da arte em contexto greco-romano. Para Pollitt, o equivalente em grego do vocábulo *elegantia* é *γλαφυρία* (*glafuria*), eventualmente *χάρις* (*cháris*); já o equivalente grego de *subtilis* é *λεπτός* (*leptós*).

A seguir, baseados na leitura de Vitruvius, *De Architectura*, selecionamos os parágrafos que julgamos mais importantes e que vão ao encontro do nosso objetivo: o de construir o significado desses vocábulos, “elegância” e “sutileza”, nesse autor.

Elegans; eleganter; elegantia

Sobre a cultura geral do arquiteto

*Non enim in tantis rerum varietatibus elegantias singulares quisquam consequi potest, quod earum ratiocinationes cognoscere et percipere vix cadit in potestatem.*⁸

*De fato, em tão grande variedade de coisas, ninguém poderá conseguir perfeccionismos em cada uma delas, uma vez que tal depende, em suma, da capacidade de conhecer e de perceber as suas teorias.*⁹

*For in so great a variety of things no one can in every case attain minute perfection, because it scarcely falls into his power to acquire and understand their methods.*¹⁰ (VITRÚVIO. *De architectura*, 1,1,13)

Encontramos a primeira menção ao vocábulo “*elegantia*” em um trecho de Vitruvius (*De architectura*, 1,1,13). No contexto maior do parágrafo, ele discorre sobre multidisciplinaridade da arquitetura e sobre a dificuldade do arquiteto em dominar todas as disciplinas que a compõem, como, por exemplo, a pintura, a escultura, a medicina e outras tantas. Contudo, adverte que o arquiteto não deve desconhecer o essencial de cada uma delas.

Uma interpretação para “*elegantia*” que propomos para esse contexto é “competência”. A tradução como “perfeição” é relativamente subjetiva, enquanto a palavra “competência” traz um significado mais preciso em relação às traduções de Maciel (2007) e Granger (2002). Ferri (2002, p. 101) traduz o vocábulo em italiano como “*eccellente*”; Fleury (2003, p. 11) faz a tradução para o francês como “*excellent*”; Corso e Romano (1997, p. 23) traduzem para o italiano como “*eccellenza*”; Fensterbusch (2008, p. 33), por sua vez, para o alemão, como “*Feinheiten*”; e Rowland e Howe (2001, p. 23), para o inglês, como “*master*”. Cotejando essas traduções, podemos dizer que a “*elegantia*”, nesse contexto, faz referência a um resultado que se consegue após o exercício íntegro de uma disciplina por meio de uma metodologia.

Sobre o paralelismo da arquitetura com outras ciências

Operum vero ingressus qui manu aut tractationibus ad elegantiam perducuntur, ipsorum sunt, qui proprie una arte ad faciendum sunt instituti.

Porém, a autoria das obras que se aproximam da perfeição, seja pelas mãos, seja com recurso a instrumentos, pertence àqueles que se educaram particularmente no exercício de apenas uma arte.

*But the taking up of work which is finely executed by hand, or technical methods, belongs to those who have been specially trained to work in a single trade. (VITRÚVIO. *De architectura*, 1,1,16)*

*Em *De architectura*, 1,1,16, como mostram os trechos acima, encontramos um significado para “*elegantia*” equivalente ao que encontramos anteriormente em *De architectura*, 1,1,13. O texto sugere que o vocábulo foi utilizado com o mesmo significado.*

Sobre a ordenação e a disposição na arquitetura

*Dispositio autem est rerum apta conlocatio elegansque conpositio-
nibus effectus operis cum qualitate.*

A disposição, por sua vez, define-se como a colocação adequada das coisas e o efeito estético da obra com a qualidade que lhe vem dessas adequações.

Arrangement, however, is the fit assemblage of details, and, arising from this assemblage, the elegant effect of the work and its dimensions, along with a certain quality or character. (VITRÚVIO. De architectura, 1,2,2)

O vocábulo “disposto” é fundamental na teoria da arquitetura de Vitrúvio, e “elegans” vem, nessa passagem, fazer parte da sua definição. Nesse caso, o significado de “elegans” parece estar próximo do resultado que se obtém quando uma determinada tarefa se faz com competência, e vem associado a uma qualidade estética, inerente ao fazer bem. Ferri (2002, p. 115) traduz “elegans” em italiano como “elegante”; Fleury (2003, p. 15) traduz o vocábulo em francês como “élégante”; Corso e Romano (1997, p. 27) traduzem em italiano como “elegante”; Fensterbusch (2008, p. 37) traduz em alemão como “schöne”; Howe e Rowland (2001, p. 24) traduzem em inglês como “elegant”. As várias traduções convergem para um significado estético de “elegans”, mas não gratuito, e sim como resultado de um procedimento bem estabelecido *a priori* com um resultado esperado *a posteriori*.

Sobre o decoro expresso pelo costume

Ad consuetudinem autem decor sic exprimitur, cum aedificiis interioribus magnificis item vestibula convenientia et elegantia erunt facta. Si enim interiora prospectus habuerint elegantes, aditus autem humiles et inhonestos, non erunt cum decore. Item si doricis epistylis in coronis denticuli sculptentur aut in pulvinatis columnis et ionicis epistylis [capitulis] exprimentur triglyphi, translatis ex alia ratione proprietatibus in aliud genus operis offendetur aspectus aliis ante ordinis consuetudinibus institutis.

Em segundo lugar, o decoro exprime-se segundo o costume, quando se constroem vestibulos com elegância e conveniência para edifícios com interiores magníficos. Efetivamente, se os interiores tiverem

acabamentos de bom gosto, e as entradas forem modestas e sem nobreza, não terão conveniência. Do mesmo modo, se no âmbito dos epistílios dóricos se esculpirem denticulos nas cornijas ou se nas colunas pulvinadas ou nos epistílios jônicos se inscreverem tríglifos, a aparência será afetada devido à transferência das características de diferente estilo para um outro gênero de obra, uma vez que, do antecedente, foram instituídas determinadas regras de ordem arquitetônica.

With reference to fashion, decor is thus expressed; when to magnificent interiors vestibules also are made harmonious and elegant. For if the interior apartments present an elegant appearance, while the approaches are low and uncomely, they will not be accompanied by fitness. Again, if, in Doric entablatures, dentils are carved on the cornices, or if with voluted capitals and Ionic entablatures, triglyphs are applied, characteristics are transferred from one style to another: the work as a whole will jar upon us, since it includes details foreign to the order. (VITRÚVIO. De arquitetura, 1,2,6)

Segundo Vitruvius (De arquitetura, 1,2,5), “o decoro é o aspecto irrepreensível das obras dispostas com autoridade através de coisas provadas” (MACIEL, 2007). Em De arquitetura, 1,2,6, temos o significado de “*elegantia*” vinculado à tradição do bem construir. Vitruvius não admite inconsistências, sejam essas de caráter social ou de caráter formal de execução da arquitetura. Isso fica claro na segunda e terceira frases do trecho acima, respectivamente. Podemos entender “*elegantia*” como “coerência”, uma vez que esta estabelece um forte vínculo entre o exterior e o interior da edificação. Maciel traduz “*elegantias*” como “bom gosto” – e, nesse caso, o bom gosto parece partir não só do arquiteto, como também do cliente. Uma relação entre pessoas relativamente “bem-educadas”.

Sobre a solidez, funcionalidade e beleza

[...] venustatis vero, cum fuerit operis species grata et elegans membrorumque commensus iustas habeat symmetriarum ratiocinationes.

Finalmente, o princípio da beleza será atingido quando o aspecto da obra for agradável e elegante e as medidas das partes corresponderem a uma equilibrada lógica de comensurabilidade.

[...] of grace, when the appearance of the work shall be pleasing and *elegant*, and the scale of the constituent parts is justly calculated for symmetry. (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 1,3,2)

Vitrúvio (*De arquitetura*, 1,3,2), apresenta “*elegans*” como um dos ingredientes fundamentais para se atingir a beleza numa edificação, destacando também a importância de se fazer bom uso das proporções. Podemos pensar em “*elegans*”, nesse contexto, como condição necessária para definir o conceito de beleza arquitetônica em Vitrúvio. Não é nosso objetivo enveredar por uma discussão que cabe mais aos historiadores da arte; contudo, vale destacar essa passagem, pois o autor latino deixa claro o caminho científico para se atingir um resultado estético esperado.

Sobre a distribuição das praças e das ruas

Quare vitandum videtur hoc vitium et avertendum, ne fiat quod in multis civitatibus usu solet venire. Quemadmodum in insula Lesbo oppidum Mytilenae magnificenter est aedificatum et eleganter, sed positum non prudenter.

Por essa razão, julga-se que se deverá evitar esse condicionalismo e precaver para que não se verifique o que costuma acontecer em cidades, como em Militene, ópido na ilha de Lesbos, edificado magnificente e elegante, mas estabelecido sem habilidade.

*Wherefore this fault must be avoided and guarded against, lest there happen what in many cities is not infrequente. For example in the island of Lesbos, the town of Mytilene is magnificently and elegantly built, but not situated with prudence. (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 1,6,1)*

O vocábulo “*eleganter*”, associado com a arte do bem construir e projetar, continua recorrente na obra de Vitrúvio. Neste contexto, ele se refere à importância de ser correta a implantação de uma cidade, e aponta o exemplo de Militene – que, embora bem projetada em termos urbanísticos, não teve seu local de implantação muito bem escolhido. Nesse caso, faltou ao urbanista o conhecimento sobre os ventos e a umidade, o que tornou essa cidade insalubre.

Vitrúvio, nessa passagem, se refere aos conhecimentos que o arquiteto deve ter em relação à medicina, para manter íntegra a higiene das habi-

tações. Embora o vocábulo, em Vitruvius, carregue claras conotações estéticas, não deixa de se referir a um procedimento metódico e de grande qualidade técnica.

Sobre estátuas e baixos-relevos de pedra de Anício

Namque habent et statuas amplas factas egregie et minora sigilla floresque et acanthos eleganter scalptos; quae, cum sint vetusta, sic apparent recentia, uti si sint modo facta.

Eles exibem grandes estátuas notavelmente elaboradas, assim como baixos-relevos, flores e acantos elegantemente esculpidos, túmulos esses que, sendo antigos, parecem recentes, como se tivessem acabado de ser feitos.

For they have large statues strikingly made, and lesser figures and flowers and acanthus finely carved. These, old as they are, appear as fresh as if they were just made. (VITRÚVIO. De arquitetura, 2,7,4)

Na passagem acima, o vocábulo “*eleganter*” sugere que os acantos foram esculpidos não apenas com uma técnica impecável por parte do escultor, mas também com muito bom gosto. Ou seja, trata-se de um trabalho requintado, dentro dos padrões exigidos ou esperados.

Sobre as ordens dórica, jônica e coríntia

Posteri uero elegantia subtilitateque iudiciorum progressi et gracilioribus modulis delectati septem crassitudinis diametros in altitudinem columnae doricae, ionicae novem constituerunt.¹¹

Os que lhes sucederam, todavia, progredindo nos juízos formulados sobre a elegância e a sutileza, e encantados com a aplicação de módulos mais gráceis, constituíram sete diâmetros de espessura na base, para a altura da coluna dórica, e nove, para a jônica.

Later generations, more advanced in the elegance and subtlety of their aesthetic judgments, who delighted in more attenuated proportions, established that the height of the Doric column should be seven times the measures of its diameter, and the Ionic column should be nine times the width.¹² (VITRÚVIO. De arquitetura, 4,1,8)

A passagem *De arquitetura*, 4,1,8) constituiu o *leitmotiv* da nossa pesquisa, pois traz elementos-chave para entender o desenvolvimento da ar-

quitetura dórica, que é o nosso foco. Interessante interpretação encontramos na pesquisa de Vitorino em relação a essa passagem de Vitruvius:

Nesse contexto o verbo progreditor introduz a ideia de uma efetiva progressio no sistema modular; obtida através do iudicium, ou seja, da “reflexão”. O verbo delecto apresenta a ideia de prazer estético e junto à expressão gracili moduli representa um primeiro aceno à primazia do gosto sobre o número. (VITORINO, 2004, p. 246)

Para Gros (1992), não podemos deixar de reconhecer nessa passagem a importante noção de progresso, através do esquema evolutivo aristotélico, que foi difundido por Posidônio na cultura latina, aplicado a uma τέχνη (tékhne). Vitruvius estabelece uma distinção entre a maneira tradicional de trabalhar com as ordens arquitetônicas e as inovações trazidas pelos novos arquitetos. Ao analisar um grupo de dez templos dóricos com proporções entre o diâmetro da base e a altura que variam entre (1:6) e (1:7), fica claro que a mudança não foi abrupta, e sim gradativa (vide tabela 1, abaixo). Para Rowland e Howe, a passagem acima identifica o desenvolvimento da arquitetura grega (DUARTE, 2010, p. 68; GROS, 1992, p. 71; HOWE; ROWLAND, 2001, p. 213; VITORINO, 2004, p. 246). Em *De arquitetura*, 4,1,8, essa é a primeira vez que Vitruvius usa os dois vocábulos associados.

Sobre a ação do escultor Calímaco

Tunc Calhmachus qui propter elegantiam et subtilitatem artis marmoreae ab Atheniensibus catatechnos fuerat nominatus, praeteriens hoc monumentum animadvertit eum calathum et circa foliorum nascentem teneritateni, delectatusque genere et formae novitate ad id exemplar columnas apud Corinthios fecit symmetriasque constituit; ex eo in operis perfectionibus Corinthii generis distribuit rationes.

Então Calímaco, que devido à elegância e à sutileza de sua arte de trabalhar o mármore tinha recebido o nome de Katatechnos, passando perto desse túmulo e reparando nesse cesto e na delicadeza viçosa das folhas em sua volta, deleitado com o estilo e com a originalidade da forma, fez em Corinto colunas segundo esse modelo e estabeleceu o sistema de medidas. Partindo daí para as aplicações nos edifícios, estabeleceu os princípios da ordem coríntia.

*Then Callimachus, who for the elegance and refinement of his marble carving was nick-named catatechnos by the Athenians, was passing the monument, perceived the basket and the young leaves growing up Pleased with the style and novelty of the grouping, he made columns for the Corinthians on this model and fixed the proportions. Thence he distributed the details of the Corinthian order throughout the work. (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 4,1,10)*

Em *De arquitetura*, 4,1,10, entendemos “*elegantia*” e “*subtilitas*” com um significado equivalente ao que encontramos em *De arquitetura*, 4,1,8. Porém, dessa vez, aplicado à escultura.

Subtilis; subtilitas

Sobre as ordens dórica e coríntia

Ex tribus generibus quae subtilissimas haberent proportionibus modulorum quantitates ionicis generis moribus, docui; nunc hoc volumine de doricis corinthiisque constitutis (et) omnibus dicam eorumque discrimina et proprietates explicabo.

Ensinei, entre os três gêneros, as sutilíssimas medidas das proporções dos módulos, segundo os cânones da ordem jônica. Agora, no presente livro, tratarei das convenções dóricas e coríntias, de que referirei as respectivas diferenças e características.

*Of the three orders, I taught, in reference to the Ionic order, those rules which, by the use of proportion, furnish the most exact adjustment of the modules. In this book I will proceed to speak of the Doric and Corinthian orders generally, their distinctions and properties. (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 4, Pref., 2)*

O prefácio do quarto livro de Vitruvius, na passagem acima, vem corroborar com a construção do significado de “*subtilíssimas*”. O autor latino associa o vocábulo diretamente com o sistema modular de projeto, o que é essencial para o nosso argumento de trabalho.

Sobre as proporções a seguir nas colunas dóricas das stoas

Columnarum autem proportionibus et symmetriarum non erunt isdem rationibus quibus in aedibus sacris scripsi; aliam enim in deorum

templis debent habere gravitatem, aliam in porticibus et ceteris operibus subtilitatem.

Quanto às proporções e comensurabilidades, não serão com as mesmas medidas que escrevi ao tratar dos templos sagrados. De fato, nos templos dos deuses deverá haver simplicidade.

*The proportions and symmetries of the columns will not be calculated in the same way as I have described for sacred edifices. In the temples of the gods dignity should be aimed at; in colonnades and other similar works, elegance. (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 5,9,3)*

Em *De arquitetura*, 5,9,3, o vocábulo “*subtilitas*” está associado diretamente ao sistema proporcional, o qual Maciel traduz como “simplicidade”, e Granger, como “elegance”. A passagem expõe um sistema de proporcionalidade simples para os templos.

Em nossa opinião, em Vitruvius, “elegância” é um resultado visível após a execução de um edifício, seguindo relativamente de perto as normas estabelecidas para determinada ordem arquitetônica. Já “sutileza”, entendemos como o trabalho invisível do arquiteto através da manipulação das proporções, do sistema modular e de escolhas livres feitas por ele. Na tabela abaixo, apresentamos a relação de templos nos quais encontramos os fundamentos para legitimar a passagem *De arquitetura*, 4,1,8, ou seja, a partir de templos que possuem proporções entre bases e alturas de colunas que oscilam em torno de (1:6) e (1:7).

Tabela. 1

Proporções entre as bases das colunas e as suas alturas. Fontes: CAP: C. A. PFAFF 2003; EO: E. OTSBY 1994; JP: J. PAKKANEN 1998; HK: H. KNELL 1983; RJW: R. J. WOODWARD 2012; RM: R. MARTIN 1970.

	Cronologia a.C.	Templo: Deus e Local	Altura da col./ Diâmetro inf. da col.	Fontes
1	480/470	Templo de Afaia em Égina	5,229 e 5,308	[CAP]
2	430	Templo de Apolo em Bassai	5,229 e 5,429	[CAP]
3	380/70	Templo de Demeter em Lepreo	5,57	[EO]
4	423-410	Templo de Hera em Argos	5,594	[CAP]
5	450	Templo de Hefesto em Atenas	5,611	[CAP]
6	420	Templo dos Apolo dos At. em Delos	5,741	[CAP]
7	430	Templo de Nêmesis em Ramnunte	5,744	[CAP]
8	360	Templo de Apolo em Delfos	5,91	[JP]
9	370	Templo de Calário	5,915	[CAP]
10	435	Templo de Posidon em Súnio	6,02	[RJW]
11	Final do séc. IV	Templo de Apolo em Ptoio	6,05	[HK]
12	Final do séc. IV	Templo de Zeus em Estrato	6,11-6,15	[JP]
13	3º quartel do séc. IV	Templo de Atena Aleia em Tegeia	6,16-6,18	[JP]
14	Metade do séc. IV	Templo de Ártemis em Kalydon	6,18	[HK]
15	380	Templo de Asclépio em Epidauró	6,27	[HK]
16	330/320	Templo de Zeus em Nemeia	6,342	[JP]
17	1º quartel do séc. III	Templo de Atena em Troia	6,5	[EO]
18	Final do IV. (ca. 320)	Templo de Apolo em Claros	6,62?	[RM]
19	Começo do séc. III	Templo de Atena em Pergamo	6,96	[JP]
20	Final do séc. III	Templo de Asclépio em Messene	7,00?	[JP*]

Considerações finais

Os vocábulos “elegância” e “sutileza”, em *De arquitetura*, 4,1,8, constituíram a força motriz da nossa pesquisa. Procuramos construir o significado desses vocábulos em contexto arquitetônico na obra de Vitruvius, *De Architectura*. Embora “elegância” e “sutileza”, numa primeira leitura, sugiram estar impregnados de valores estéticos, na obra de Vitruvius constatamos, em relação a eles, outro significado mais técnico e preciso.

“*Elegantias*”, como mostramos, teve, no texto latino *De arquitetura*, 1,1,13, o significado de “competência”, nome que damos quando uma determinada tarefa é executada com disciplina, através de uma metodologia e uma técnica. Em *De arquitetura*, 1,1,16, o vocábulo “*elegantia*” assume um significado semelhante ao da passagem em *De arquitetura*, 1,1,13. Em *De arquitetura*, 1,2,2), consultando as traduções de vários especialistas, concluímos, como apontado anteriormente, que elas têm um significado estético para “*elegans*”, mas não arbitrário, e sim como resultado de um procedimento bem estabelecido *a priori* com um resultado esperado *a posteriori*.

Temos duas menções em *De arquitetura*, 1,2,6): “*elegantia*”, que entendemos nesse contexto como coerência, e “*elegantias*” como bom senso por parte do arquiteto e do cliente que contrata os seus serviços. Em *De arquitetura*, 1,3,2, o termo “*elegans*” pode ser entendido como o caminho científico para conseguir um resultado estético esperado. Em *De arquitetura*, 1,6,1, “*elegantior*” está associado ao método de projetar e à qualidade técnica. Na passagem *De arquitetura*, 2,7,4, “*elegantior*” está num contexto que sugere que o trabalho de esculpir foi realizado de maneira requintada. Em *De arquitetura*, 4,1,8, Vitruvius, pela primeira vez em seu texto, associa os vocábulos “*elegantia*” e “*subtilitas*”.

Concluímos, assim, que “elegância” e “sutileza” em Vitruvius se referem a um período privilegiado da arquitetura grega na arte de construir templos dóricos, que teve seu início, aproximadamente, em 600 a.C. Identificamos, em *De arquitetura*, 4,1,8, referência a um período cronológico de construção de templos dóricos que vai de ca. 450 a.C a 150 a.C. Balizamos essas datas com o templo clássico de Posídon em Súnio, ca. 450-430 a.C., e o templo helenístico de Asclépio em Cós, ca. 150-160 a.C.

É importante observar, que, em *De architectura*, 4,1,8, quando o templo dórico passou a ter a proporção (1:7), isso se deu como um progresso em relação à proporção anterior (1:6) entre o diâmetro e a altura da coluna. Como exemplo de templos que estão nos extremos proporcionais mencionados por Vitruvius, podemos citar: o templo de Posídon em Súnio, de proporções de coluna 1:6,02 e o templo de Asclépio em Messena (1:7). Interessante notar que variadas proporções estão entre esse intervalo. Retomando a questão dos vocábulos “elegância” e “sutileza”, temos outra menção na passagem 4,1,10: “*elegantia*” e “*subtilitas*” com um significado equivalente ao que encontramos em *De architectura*, 4,1,8, aplicado ao trabalho requintado em escultura.

Foram duas as passagens selecionadas para o melhor entendimento do vocábulo “sutileza”: o prefácio do livro 4 de Vitruvius, parágrafo 2, e a passagem *De architectura*, 5,9,3. No prefácio de Vitruvius (*De architectura*, 4, Pref. 2), o significado de “*subtilissimas*” está associado diretamente ao sistema modular de projeto. Já na passagem *De architectura*, 5,9,3, o significado de “*subtilitas*” está associado diretamente a um sistema simples de proporcionalidade para os templos. Pensamos no significado de “elegância”, no contexto arquitetônico de Vitruvius, como o resultado obtido através da “sutileza” do trabalho do arquiteto.

Em suma, acreditamos que os resultados da pesquisa permitem afirmar que “elegância” e “sutileza” foram conceitos que fizeram parte da formação do arquiteto grego, tendo se refletido, de maneira notável, no *modus operandi* de concepção dos templos dóricos entre os séculos V e II a.C., o que resultou em uma arquitetura monumental extremamente requintada, elegante e sutil.

Documentação escrita

VITRUV. *Zehn Bücher über Architektur*. Trad. C. Fensterbusch. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2008 [1964].

VITRUV. *De Architectura, Concordance: documentation bibliographique, lexicale et grammaticale*. Trad. L. Callebat. Hildesheim: Olms-Weidmann, 1984.

_____. *Architettura: dai libri I-VII*. Trad. S. Ferri. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2002 [1960].

_____. *De l'Architecture*, Livre I. Trad. P. Fleury. Paris: Les Belles Lettres-CUF, 2003.

_____. *De l'Architecture*, Livre IV. Trad. P. Gros. Paris: Les Belles Lettres-CUF, 1992.

VITRUVIO. *De architettura*. Trad. A. Corso e E. P. Romano; Ed. P. Gros. Turin: Einaudi Tascabili, 1997.

VITRÚVIO. *Da Arquitetura*. Trad. M. A. Lagonegro. São Paulo: Hucitec/ Fupan, 1999.

_____. *Tratado de Arquitetura*. Trad. J. Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [2006].

VITRUVIUS. *Ten books on Architecture*. Trad. T. N. Howe e I. D. Rowland. Cambridge, U.K./New York: Cambridge University Press, 2001 [1999].

_____. *On architecture: Books 1-5*. Trad. F. Granger. Cambridge: Harvard University Press, 2002 [1931]. v. 1

Referências bibliográficas

DUARTE, C. W. G. *Geometria e aritmética na concepção dos templos dóricos gregos*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. *“Elegância” e “Sutileza” na concepção dos templos dóricos gregos (sécs. V-II a.C.)*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GRUBEN, G.; BERVE, H. *Greek temples, theatres and shrines*. London: Thames and Hudson, 1963.

KNELL, H. *Dorische Ringhallentempel in Spät und nach Klassischer Zeit*. *Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts*, Berlin, de Gruyter, v. 98, p. 203-233, 1983.

MARTIN, R. et al. *Grèce hellénistique (330-50 avant J.-C.)*. Paris: Gallimard, 1970.

MERTENS, D. *Der Tempel von Segesta und die dorische Tempelbaukunst des griechischen Westens in klassischer Zeit*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1984.

MOREDA, S. L. *La elegantia en la lengua latina*. Semántica, retórica y gramática. Madrid: Ediciones Clásicas, 2006.

- ØSTBY, E. Dorische Tempel, Pherai. *Opuscula Atheniensiæ: acta Inst. Athen. Regni Sueciæ*, Lund, v. 19, p. 85-113, 1994.
- PAKKANEN, J. *The temple of Athena Alea at Tegea: a reconstruction of the peristyle column*. Helsinki: The Department of Art History at the University of Helsinki, 1998.
- PFAFF, C. A. *The Argive Heraion: the architecture of the Classical temple of Hera*. New Jersey: Princeton/The American School of Classical Studies at Athens, 2003.
- POLLITT, J. J. *The Ancient view of Greek art: criticism, history, and terminology*. New Haven: Yale University Press, 1974.
- ROUX, G. *L'architecture de l'Argolide aux IV^e et III^e s. avant J.-C.* Paris: De Boccard, 1961.
- SIOUMPARA, E. P. *Der Asklepios-Tempel von Messene auf der Peloponnes: Untersuchungen zur hellenistischen Tempelarchitektur*. München: Hirmer Verlag, 2011.
- VITORINO, J. C. *O vocabulário de Vitruvius: história, crítica e hermenêutica*. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- WILSON JONES, M. Doric measure and architectural design 2: a modular reading of the Classical temple. *American Journal of Archaeology*, New York, v. 105, p. 675-713, 2001.
- WOODWARD, R. J. *An architectural investigation into the relationship between Doric temple architecture and identity in the Archaic and Classical Periods*. Tese (Doutorado em Filosofia), Department of Archaeology, University of Sheffield, Sheffield, 2012.

Notas

¹ Agradeço o apoio da Fapesp, pelo financiamento desta pesquisa.

² Texto latino extraído da edição bilingue traduzida e comentada por Gros (1992). A seguir, a mesma passagem em tradução direta do latim para o português feita por Maciel (2007): “Os que lhes sucederam, todavia, progredindo nos juízos formulados sobre a elegância e a sutileza, e encantados com a aplicação de módulos mais graciosos, constituíram sete diâmetros de espessura na base, para a altura da coluna dórica, [...]”.

³ “Como quisessem colocar colunas nesse templo, desconhecendo suas relações modulares, e querendo saber por quais meios poderiam obtê-las, para que fossem apropriadas para suportar as cargas e que tivessem um aspecto de comprovada beleza, mediram a pegada do pé de um homem e relacionaram-na com sua altura. Como encontraram que, no homem, o pé equivale à sexta parte da altura, transportaram a mesma relação para a coluna, e com a espessura que fizeram a base do fuste, exprimiram a altura, inclusive o capitel, em seis vezes ela. Assim, a coluna dórica passou a emprestar aos edifícios as proporções, a firmeza e a beleza do corpo masculino” (VITRÚVIO. *De arquitetura*, 4,1,2 – trad. da edição de M. A. Lagonegro).

⁴ Para os templos arcaicos dóricos, essas curvaturas são bem acentuadas, principalmente nas colunas; para os templos clássicos do V século, essas curvaturas, ou êntases, são mais sutis em relação às dos edifícios anteriores.

⁵ Nossa principal fonte escrita sobre arquitetura na antiguidade (ca. 30/20 a.C.).

⁶ Trad. nossa.

⁷ Trad. nossa.

⁸ Daqui em diante, citaremos Vitruvius em latim, a partir da edição bilíngue traduzida por Frank Granger (2002) para o inglês.

⁹ Daqui em diante, citaremos Vitruvius em português, a partir da tradução direta do latim de Justino Maciel (2007).

¹⁰ Daqui em diante, citaremos Vitruvius em inglês, a partir da edição bilíngue traduzida por Frank Granger (2002).

¹¹ Para essa citação, utilizamos a tradução de Pierre Gros (1992).

¹² Para essa citação, utilizamos a tradução de Thomas Noble Howe e Ingrid D. Rowland (2001).